

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2008

## CLEÓPATRA NA NONA ARTE

O ano de 2007 assistiu ao lançamento dos dois primeiros volumes de *La dernière reine*, da autoria de Patrick Weber e de Giancarlo Caracuzzo. Trata-se de uma adaptação em Banda Desenhada, centrada na figura de Cleópatra VII Filopator, a última rainha lágida do Egipto ptolemaico.

Weber, o autor do argumento, é um belga com formação em História da Arte e Arqueologia, em cujos *curricula* não dispensou as línguas clássicas, mas que exerce a profissão de jornalista. Depois de ter publicado textos quase sempre dedicados a temas históricos (e.g. *Le guide de la Belgique Royal* – 1997, *Elisabeth de Belgique, l'autre Sissi* – 1998, e *Dix Princesses* – 2002), bem como alguns romances (e.g. *La vierge de Bruges* – 1999, *Ombres sur Alexandrie* – 1999, *Les dîners de Cléopâtre* – 2000 e *Les sept papyrus* – 2002), Patrick Weber passou a dedicar-se também a argumentos de banda desenhada, tendo sido o autor das histórias de séries de álbuns como *Novikov* – 2005-2006, *Oeil de Jade* – 2006-2007, *Les fils de la louve* – 2005-2006 e *Loïs* – 2007. Além destes, o argumentista colaborou ainda com a prestigiada coleção *Alix* (títulos todavia ainda não disponíveis), que, como é sabido, se centra em temas de História da Antiguidade. Como assinalámos, em 2007, P. Weber associou-se a G. Caracuzzo, desenhador de origem italiana e professor na Scuola Romana dei Fumetti, senhor de uma mão de grande versatilidade a quem se deve a autoria das ilustrações de álbuns como *Hercule Potiron* – 2008 (uma deliciosa paródia do famoso detective criado pela rainha do romance policial, Agatha Christie) e *Les larmes d'opium* – 2008. Dessa associação, na qual colaborou ainda Dina Kathelyn no trabalho de coloração, surgiu *La dernière reine*<sup>1</sup>.

O enredo destes dois álbuns gira em torno da carismática figura de Cleópatra VII. Se houvesse que apresentar uma definição sintética para o argumento, optaríamos por afirmar que se trata de uma brilhante junção de um tema da Antiguidade Clássica (recordamos que as fontes disponíveis para tratar este tema são essencialmente gregas, designadamente Plutarco e Flávio

---

<sup>1</sup> P. Weber, G. Caracuzzo, D. Kathlyn, *La dernière reine* I – *Le cobra du Nil*, Marcinnelle, Dupuis, 2007 ; II – *Le scorpion de Karnak*, Marcinnelle, Dupuis, 2007.

Josefo, além da época em que a acção se desenrola, o século I a.C.), com o seu ambiente natural, radicado no universo pré-clássico da História do Egipto faraónico. Eventualmente, a própria Cleópatra VII Filopator terá sentido essa mesma ambivalência, enquanto monarca grega de um reino egípcio milenar. Ou não.



Fig. 1 – A Cleópatra de Weber e Caracuzzo

Há que ter em conta que, neste domínio, as representações contemporâneas, naturalmente deformadas pelo enviesamento do tempo, são fundamentais para a construção da imagem. Mas há igualmente que ter em conta que se possuirmos representações escultóricas da última dos Lágidas à maneira helenística, também dispomos de outras em que a rainha aparece encarnando personagens e figurações típicas do Egipto pré-clássico (fig. 1)<sup>2</sup>. As duas soluções devem, portanto, ser consideradas, sendo que a viabilidade da proposta da ficção histórica de P. Weber e G. Caracuzzo não deve ser desprezada. O resultado feliz desta conjunção pode ver-se na forma como os autores introduzem na narrativa elementos do mito de Ísis e Osíris, por

<sup>2</sup> Ver S. Walker, P. Higgs, *Cleopatra of Egypt. From History to Myth*, Princeton, 2001.

exemplo, que, todavia, não deixam de fazer sentido no enredo em causa: a história dos dois irmãos, Set e Osíris tem o seu eco na de Cleópatra com os seus próprios irmãos, em especial Ptolemeu XIII; o amor que Ísis vota a Osíris encontra paralelo no de Cleópatra por César, resultando ambas as relações na gravidez, da deusa e da rainha (a gestação de Hórus, no caso de Ísis; a de Cesarião, no caso de Cleópatra); e o episódio da mordedura do pequeno Hórus pelo escorpião, com a consequente protecção da mãe relativamente ao pequeno deus, equivale à defesa que Cleópatra protagoniza com o seu próprio filho. Uma vez mais, confirma-se que a intertextualidade se transforma numa mais-valia no universo da BD.

O mesmo tipo de considerações poderia ser tecido relativamente aos cenários que dão ambiente a cada uma das vinhetas e onde se percebe a síntese do Egipto Antigo com o Egipto alexandrino-helenístico, quer ao nível da representação arquitectónica (fig. 2) (em que o celebrizado Farol marca naturalmente a sua presença), quer ao nível da proposta feita para o vestuário das personagens. Ou ainda acerca da onomástica escolhida para as personagens. Ou também sobre a escolha de temas tipicamente egípcios, como a magia, a imagética felina ou a aparição e insinuação de algumas das divindades do panteão egípcio, como Bastet, Sobek, Sekhmet, Anúbis, Tot, Amon, Set e, naturalmente, Ísis, Osíris e Hórus.

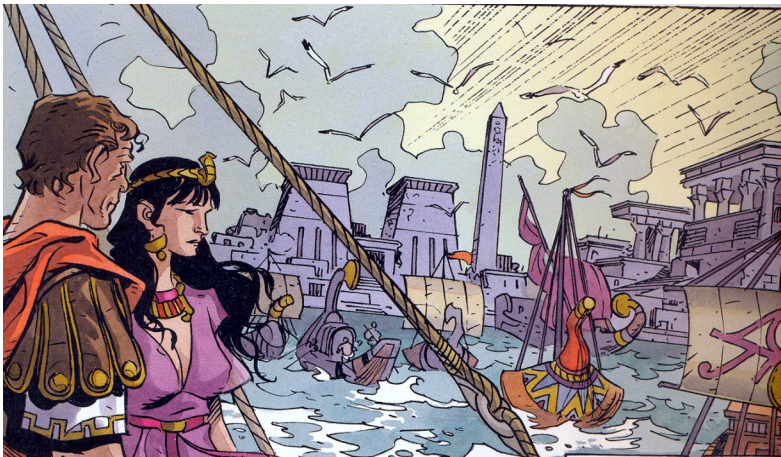


Fig. 2 – César e Cleópatra no porto de Alexandria



A técnica utilizada pelo argumentista é aqui tipicamente a do romance histórico, em particular o oitocentista, que veio a ganhar posteriormente particular relevância na estética cinematográfica. A influência de Mankiewicz é, aliás, evidente na representação da rainha no seu trono isíaco (fig. 3)<sup>3</sup>.

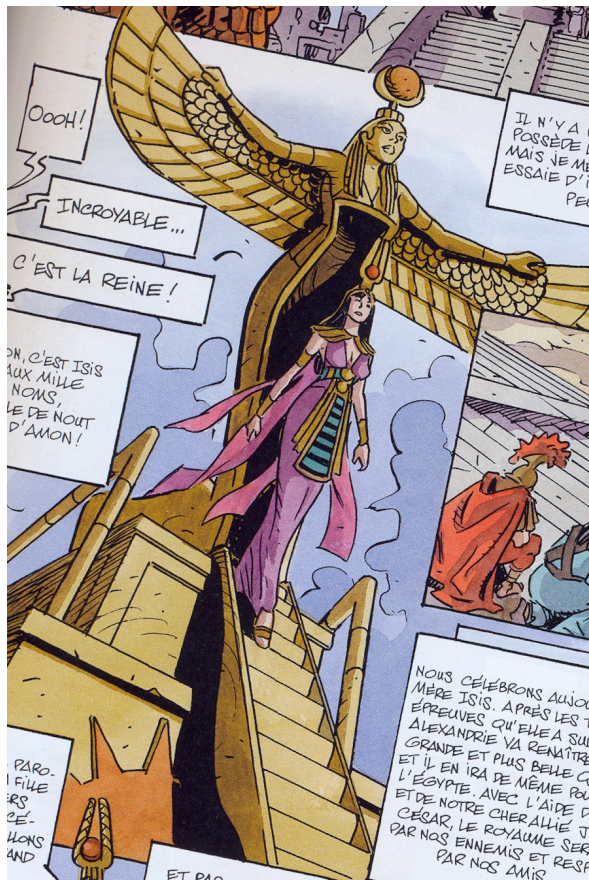


Fig. 3 – Cleópatra sobre o trono isíaco

<sup>3</sup> Referimo-nos, naturalmente, à adaptação da vida de Cleópatra VII ao cinema, feita por Joseph L. Mankiewicz, em 1963, protagonizada por Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison, Martin Landau e Francesca Annis.

A história é narrada em dois níveis: o das personagens históricas, como a própria Cleópatra, os seus irmãos Ptolemeu XIII e Ptolemeu XIV, Júlio César e Potino; e o das personagens totalmente fictícias, mas cujo percurso segue *pari passu* os das figuras com existência real. É o caso de Rahotep, o protagonista, o da sua irmã Tiy ou o da filha de Potino, Iónia. Nada que não encontremos em *Quo Vadis?* de Sienkiewicz ou em *The Gladiator*, the Ridley Scott, por exemplo.

Apesar de a história da última rainha do Egipto ser o tema central destes álbuns, é a construção da figura de Rahotep, personagem fictícia, que consubstancia o fio condutor do enredo. O tema que dá corpo a este carácter, contudo, está longe de ser original. Rahotep-o-intérprete de sonhos não é mais do que uma reconstrução da figura de José, a personagem bíblica cuja origem se perde na nébula das origens da cultura ocidental, naquele misto próximo-oriental que envolvia os saberes canaaníticos e egípcios, sem os distinguir de forma sistemática. Recordamos que José é a personagem que dá corpo a um texto autónomo, no interior do *Génese*, que alguns especialistas não hesitam em classificar como novela, num ambiente simultaneamente semítico e camítico<sup>4</sup>. Em grande parte, essa é a mesma figura aqui recuperada. Como é frequente nestes contextos, a história ficcional acaba, muitas vezes, por se sobrepor à histórica.

Quanto ao eixo mais especificamente «histórico», parece-nos indiscutível que Plutarco é a grande fonte. Bastaria recordar a referência ao facto de que Cleópatra falaria egípcio, pormenor mencionado precisamente por Plutarco<sup>5</sup>. Mas é o mais que famoso passo, que relata a entrada clandestina da rainha no seu próprio palácio para se aliar a Júlio César, enrolada num tapete, às costas do servo de nome Apolodoro, que não podia faltar<sup>6</sup>. Lembremos que já Elizabeth Taylor fez a sua entrada triunfal, na *set* da produção que eternizou a rainha do Egipto no cinema, à custa da narrativa plutarqueana. Porque não haveria de fazer o mesmo a Cleópatra de Weber? Por outro lado, parece-nos igualmente indiscutível que, mais uma vez, a ficção se sobre põe à realidade, ao trazer de novo para o centro da história desta lágida o tema particularmente tratado por George Bernard Shaw, em 1898, na peça *Caesar and Cleopatra*, mas praticamente desconhecido, ou

---

<sup>4</sup> Gn 37-45.

<sup>5</sup> Plu., *Ant.* 25-28.

<sup>6</sup> Plu., *Ces.* 49, 1-2.

mesmo ignorado, nas fontes antigas. Referimo-nos, naturalmente, à história de amor alegadamente vivida entre César e Cleópatra, cujo zénite teria sido atingido com a gravidez da rainha e o nascimento do pequeno Cesarião. Não será de desconsiderar aqui a proposta que tem sido feita por alguns historiadores, segundo a qual o primeiro filho de Cleópatra seria de Marco António e não de César, não passando o nome da criança de uma manobra de propaganda política, que teria como objectivo consolidar o poder da rainha no trono do Egipto, bem como radicar a sua legitimidade na força das armas de Roma, que César representava<sup>7</sup>. Esta será, todavia, uma questão menos interessante para um tratamento mais popular das figuras em causa, como será o caso de uma adaptação à BD.

Outra tendência que é possível detectar na construção desta história é a linha épica, que se percebe no envolvimento das personagens com os deuses. Estes introduzem-se na história, interagindo com os caracteres humanos, em cenas que jamais poderiam ser descritas em narrativas de natureza exclusivamente historiográfica. Até mesmo o tema dos sonhos pertence a esse universo. Isto não significa, porém, que não haja aqui uma sensibilidade historiográfica, que se percebe sobretudo no tratamento das relações de poder, do domínio grego no Egipto milenar e nas formas como isso se terá expresso em Alexandria e nas antigas e tradicionais regiões do Antigo e Baixo Egipto, aqui representadas pelas figuras de Rahotep e Tiy. Essa representação é particularmente conseguida pelo recurso ao artifício da cor da sua pele, que contrasta significativamente com as personagens de origem grega e romana.

No seu conjunto, os dois álbuns constituem um excelente exemplo de adaptação de um tema histórico-literário à BD, sendo uma forma eficaz de atingir diversos tipos de público. Tal como as propostas deste tipo nos acostumaram, os níveis de leitura são vários, do eficaz e imediato ambiente egípcio, particularmente evidente na viagem «turística», em que Cleópatra serve de guia a César, às alusões mais eruditas, de que poderão ser exemplos: o retrato de um César e uma Cleópatra envolvidos sentimentalmente, já mencionado; a referência ao incêndio da biblioteca de Alexandria durante as

---

<sup>7</sup> Esta teria sido uma proclamação feita precisamente por António ao Senado, em Roma. Sobre esta problemática, ver L. Hughes-Hallett, *Cleopatra. Histories, Dreams and Distortions*, London, 1990, 34-35; ver ainda Plu., *Ant.* 54, 6. Mas o mesmo Plu., *Ces.* 49, 10, afirma igualmente que teriam sido os Alexandrinos a chamar o filho da sua rainha «Cesarião».

guerras alexandrinas; o problema do sincretismo religioso-cultural, patente na definição da estátua de Ísis, que enriquece o enredo ficcional no segundo volume; as aparições épicas de deuses num enredo supostamente histórico; a composição algo napoleónica de Cleópatra, durante o périplo pelo Egipto (fig. 4); ou, a um nível mais elaborado ainda, a alusão à máxima romana «lembra-te de que és apenas um homem» e a homenagem que se faz ao verso horaciano, aqui transformado em «O Oriente cativo subjugou o seu feroz vencedor»<sup>8</sup>. Aguardamos, por tudo isto, com expectativa, o lançamento do terceiro volume desta excelente adaptação.

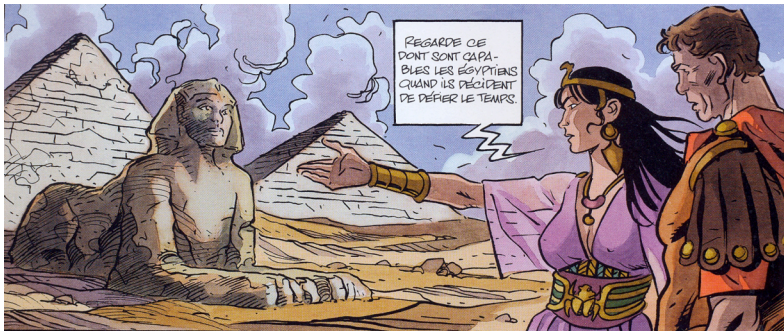


Fig. 4 – Cleópatra qual Napoleão Bonaparte no Egipto

NUNO SIMÕES RODRIGUES

<sup>8</sup> P. Weber, G. Caracuzzo, D. Kathlyn, *La dernière reine II – Le scorpion de Karnak*, Marcinelle, Dupuis, 2007, 16 ; cf. Hor. *Ep.* 2, 1, 156 : «A Grécia vencida conquistou o seu feroz vencedor...» (trad. M.H. da Rocha Pereira)